

COMO NARRAR NO TEMPO DA PRECARIIDADE? UMA LEITURA DO ROMANCE *REPRODUÇÃO* DE BERNARDO CARVALHO

Michelle Gomes da Silva André¹
Rogério Lima - Orientador

“Tudo começa quando o estudante de chinês decide aprender chinês. E isso ocorre precisamente quando ele passa a achar que a própria língua não dá conta do que tem a dizer.” Essas são as três primeiras linhas do romance *Reprodução* do escritor contemporâneo Bernardo Carvalho publicado em 2013. Um estudante de chinês resolve estudar chinês na China depois de seis anos de estudos dessa língua no Brasil, seu País. Ele está no aeroporto, na fila do check-in, para a tão sonhada viagem quando encontra sua ex-professora do idioma que não ver a dois anos. Mal se falaram e a professora, que estava de mãos dadas com uma criança foi abordada por um agente da polícia federal e retirada as pressas da fila onde estavam. Em seguida, chega outro agente e aborda o estudante que, sem saber absolutamente nada do que estava acontecendo, acaba sendo levado para depor nas dependências da polícia federal do aeroporto.

A narrativa é carregada de suspense do início ao fim. É por meio do depoimento do estudante sobre sua relação com a professora, como, quando e onde a conheceu, que a história se desenrola. Histórias obscuras que envolvem paternidade não assumida e atos ilícitos no interior da repartição vão surgindo no decorrer das declarações do estudante. O clima é de tensão. A linguagem do estudante é perversa, além de falar muitos palavrões, é permeada de preconceitos. Um narrador em terceira pessoa inicia a narrativa revelando detalhes específicos da história e dos personagens e também de tempo, lugar e ação, em seguida, emerge a cena onde culmina no depoimento do estudante. A voz narrativa aparece com mais precisão no início e no final da história, embora se revele algumas vezes por meio de pequenas intromissões no depoimento do estudante para reforçar alguma posição desse personagem, assim, temos uma voz que nos fala, velando e desvelando, ao mesmo tempo, narrador e personagem.

A primeira observação que me ocorreu com a leitura do romance foi a falta de nomes dos personagens, é o estudante de chinês, a professora de chinês, o delegado, a delegada, a criança, a partir dessa consideração, pensei na ideia de busca de identidade e sentido para a vida dos homens dos tempos de agora. No primeiro momento da análise

¹ Aluna do curso de graduação Letras – português – licenciatura - UnB

do romance detive-me em examinar o diálogo do estudante, o que implica fazer uma caracterização do personagem. “O estudante de chinês está a caminho da China justamente para escapar ao inferno dos últimos sete anos, seis deles divorciado, desempregado e estudando chinês [...]” (CARVALHO, 2013 p. 9).

Além de ser um blogueiro, o estudante de chinês é um assíduo usuário das redes sociais, ele gasta boa parte do seu tempo fazendo comentários anônimos na internet, boa parte dessas opiniões são de caráter hediondo. No depoimento que faz ao delegado, vemos surgir uma infinidade de temas sobre os quais mostra bom conhecimento, estes, em sua grande maioria, adquiridos por meio da internet. É recorrente em sua fala ao delegado a palavra “curti” afirmando que tal assunto foi tomado das redes sociais. O depoimento começa com o estudante explicando porque foi estudar chinês, em resposta ao primeiro questionamento do delegado.

“Por quê? Ora, por quê! Porque fui estudar chinês. Não fui estudar inglês ou espanhol. Chinês é a língua do demônio. Então, é normal que eu não entenda nada, mesmo tendo estudado seis anos. É normal. Até grego, em comparação, é bolinho. É claro que não podia falar chinês com ela. E como é que o senhor quer que eu saiba o que ela disse? Em mandarim, a mesma sílaba tem quatro sentidos diferentes” (CARVALHO, 2013 p. 14).

Na descrição do início do depoimento acima da a ver o caráter irônico do personagem estudante que não poupa palavras para expressar seus pensamentos, é recorrente em sua fala o uso de palavrões seguidos de pedidos de desculpas de forma bastante debochada. O estudante tem uma verdadeira obsessão pela China, afirma e reafirma a todo o momento que ela dominará o mundo e ele quer estar pronto para quando isso acontecer. Diz ser o chinês a língua do futuro e ainda afirma num tom profético que “Um dia, todo mundo só vai falar e entender chinês. Pode escrever” (CARVALHO, 2013 p. 15).

O motivo do divórcio do estudante foi a sua decisão de não ter filhos, o que contrariou sua parceira. Pouco tempo depois de separados, sua ex-mulher encontra um novo parceiro. O que vemos no personagem estudante é um sujeito frustrado, angustiado e ansioso, profundamente pessimista em relação ao ser humano:

“Interessante como nós...nós somos as falhas e as rupturas do universo! O articulista mandou bem. Foda. Foda. Se é humano, um dia tem que acabar. Também! Somos sete bilhões, crescendo no ritmo de

setenta milhões ao ano. Somos uma epidemia infestando o planeta, um surto. Nós somos a doença, circulando em aviões pelos quatro cantos do globo, espalhando a nossa morte com todo tipo de vírus desconhecidos (CARVALHO, 2013 p. 18).

O mergulho no mundo virtual, fonte de boa parte dos conhecimentos do estudante, talvez tenha sido sua maneira de enfrentar as dificuldades e exigências do mundo e da vida real. Como já mencionado, vimos por meio de seu depoimento seu conhecimento de vários assuntos, diferentes temas como política internacional, religião, economia, etc. vão se misturando sem muita conexão, o que reflete o próprio fenômeno de superabundância de informações advindo do desenvolvimento tecnológico. Estamos cercados de informações por todos os lados, a começar pelo nosso aparelho celular, nas grandes cidades o que não faltam são painéis eletrônicos cheios de anúncios, em qualquer estabelecimento comercial há telas smart chamando nossa atenção. A autora Camille Paglia faz um panorama do mundo das artes, desde o Egito até o tempo presente e começa dizendo na introdução:

“A vida moderna é um mar de imagens. Nossos olhos são inundados por figuras reluzentes e blocos de texto explodindo sobre nós por todos os lados. O cérebro, superestimado, deve se adaptar rapidamente para conseguir processar esse rodopiante bombardeio de dados desconexos. A cultura no mundo desenvolvido é hoje definida, em ampla medida, pela onipresente mídia de massa e pelos aparelhos eletrônicos servilmente monitorados por seus proprietários. A intensa expansão da comunicação global instantânea pode ter concedido espaço para um grande número de vozes individuais, mas, paradoxalmente, esta mesma individualidade se vê na ameaça de sucumbir” (PAGLIA, 2014 p, VII).

Nunca nos foi dado como agora tantos canais para pronunciamento, hoje, qualquer um emite opiniões a respeito de todo e qualquer assunto, para isso, basta ter uma conta em uma rede social e alguns seguidores. Leonidas Donskis e Zygmunt Bauman discorrem sobre uma suposta perda da sensibilidade na modernidade líquida, uma espécie de falta de senso para perceber a inconveniência, a ofensa, o mal causado aos outros. Nosso personagem estudante de chinês é o tipo preconceituoso afetado por essa falta de sensibilidade, se no depoimento para um delegado da polícia federal ele emite opiniões como: “[...] Velho devia ser exterminado. Começou a dar problema, começou a não reconhecer...Aposentado é um estorvo para a sociedade. Basta fazer os

cálculos.[...]”(CARVALHO, 2013 p.21) imagina o que escreve nos comentários anônimos na internet, passatempo que ocupa boa parte do seu dia. Donskis assinala que:

“Novas formas de censura coexistem – da maneira mais estranha – com a linguagem sádica e canibalesca encontrada na internet e que corre solta nas orgias verbais do ódio sem face, nas cloacas virtuais em que se defeca sobre os outros e nas demonstrações incomparáveis de insensibilidade humana (em especial nos comentários anônimos)” (DONSKIS, BAUMAN, 2014, p. 18).

A leitura do romance, sobretudo as partes do depoimento do estudante, provoca nos leitores certa angústia, ou até mesmo uma perturbação. Com uma linguagem provocativa, cheia de palavrões, com um ritmo bastante acelerado, onde assuntos se alternam a todo o momento, temos a sensação de nadar no mar de imagens que Camille Paglia descreveu, em nosso caso particular, nos blocos de textos. Além do suspense que envolve a narrativa até o final - queremos saber se o estudante consegue ou não embarcar para a China - nossa atenção e foco oscilam sem parar, desafiando nossa mente a se adaptar ao ritmo frenético da narração. Talvez o que nos perturbe seja justamente a superabundância, pela dificuldade mesma de assimilar, são muitas as notícias, o mar é agitado, mas é raso, é superficial e sentimos necessidade de mergulhar.

A obsessão que esse personagem tem em acreditar que a China dominará o Planeta e sua dedicação em se preparar para quando isso acontecer, fazendo disso sua grande missão de vida nos faz pensar na questão de uma vida puramente objetiva, onde: “O indivíduo tornou-se um mero pinhão de uma enorme organização de coisas e poderes que lhe retira todo progresso, toda espiritualidade e todo valor, para transformá-lo de sua forma subjetiva à forma de uma vida puramente objetiva” (SIMMEL, 2005).

Os elementos da narrativa, tais como tempo, espaço e ambiente parecem refletir o próprio tempo de agora. O tempo cronológico da narrativa é algumas horas no espaço de um aeroporto internacional e o ambiente é de certa euforia e expectativas, própria da situação de quem embarca ou desembarca.

Difícilmente encontramos adultos que não se espantem com a velocidade que transcorre o tempo nos dias de hoje. A aceleração está vinculada à superabundância, o que é novidade hoje, amanhã já é notícia velha, principalmente no mundo das redes sociais. As transformações no mundo contemporâneo se dão de forma muito aceleradas.

“(...) a história se acelera. Apenas temos o tempo de envelhecer um pouco e nosso passado já vira história(...)”(AUGÉ, 2012 p. 29).

Marc Augé, dentre outras questões, discute sobre a difícil tarefa dos antropólogos de como pensar em situar o indivíduo nos tempos de agora. E cria um termo muito valioso para a análise do espaço do romance, não lugares, o aeroporto em que se passa a história é um não lugar:

“Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta. Porque vivemos uma época, também sob esse aspecto, paradoxal: no próprio momento em que a unidade do espaço terrestre se torna pensável e em que se reforçam as grandes redes multirraciais, amplifica-se o clamor dos particularismos; daqueles que querem ficar sozinhos em casa ou daqueles que querem reencontrar uma pátria, como se o conservadorismo de uns e o messianismo de outros estivessem condenados a falar a mesma linguagem _ a da terra e das raízes ”(AUGÉ, 2012, p. 36-37).

Rogério Lima propõe uma questão bastante pertinente: “Como narrar no tempo da precariedade? No tempo em que estamos perdidos num processo adiasfórico: no qual ignoramos e somos insensíveis aos extras existentes no mundo?” (LIMA, 2016, p. 180) Como narrar, o que narrar, quais espaços escolher, que tipos de personagens, são questões pertinentes ao trabalho de todo escritor. Há escritores que fogem da lógica mercadológica, onde a escrita deve se adequar ao gosto do grande público, escritores comprometidos com a sua verdade. Bernardo Carvalho em *Reprodução* não fez um romance de leitura agradável, o contrário, causou incômodo nos leitores ao escolher essa forma e conteúdo para criar uma realidade que nos possibilite enxergar o que não é possível em nosso cotidiano. A arte tem esse grande poder: “A obra de arte é um modo privilegiado de percepção dos nexos sociais” (BASTOS, 2011, p. 35). O que nos incomoda é a falta de identificação com essa nova ordem da globalização em que vemos nossas subjetividades definirem cada dia mais, é a falta de sensibilidade dos homens de então para os sentimentos dos outros, é o tipo de ocupação que um ser humano deve prestar para conseguir sobreviver, a professora de chinês é uma mula e aqui vale uma dupla definição, um animal que leva pesos e cargas no lombo e uma pessoa usada por traficantes para transportar droga ilegal por fronteiras policiadas, são todos temas muito

violentos que afetam nossa comodidade. São essas questões abordadas na narrativa e que todos nós sabemos existir, mas que preferimos desprezar que o romance ilumina.

Há seis anos desempregado, divorciado e estudando chinês, chinês! Uma língua de uma cultura completamente diferente da língua e cultura brasileira. Esse sujeito está numa situação nada confortável. Pretende se salvar de qualquer maneira, muito mais que ir atrás de solução econômica o estudante de chinês também busca um sentido de pertencimento, já que ele declara ao agente sua descendência chinesa. “Meu tataravô veio plantar chá em Santa Cruz, no antigo colégio dos Jesuítas, e acabou mascate nas ruas do Rio de Janeiro” (CARVALHO, 2013 p.47).

Por fim, a narrativa nos faz pensar no fenômeno da globalização, em que a introdução de uma nova tecnologia veio causar grandes transformações no âmbito social e que este novo contexto veio desencadear o aparecimento, cada vez maior, de novas tecnologias. Não há dúvidas sobre o progresso que a informática propiciou, principalmente por permitir ao homem o acesso a volumes cada vez maiores de informações, no entanto, o homem ainda não foi capaz de empregar esses conhecimentos em prol de seu bem estar. As aflições e angústias dos homens estão ainda maiores. O estudante de chinês tenta uma saída. Todos nós tentamos, precisamos nos salvar. Sobre globalização, Donskis diz:

“(…) a globalização é a última esperança fracassada de que, em algum lugar, ainda exista uma terra para a qual se possa fugir e onde encontrar a felicidade. Ou a última esperança fracassada de que, em algum lugar, ainda exista uma terra diferente da sua, opondo-se ao senso de insignificância, à perda de critérios e, em última instância, à cegueira moral e à perda da sensibilidade ”(DONSKIS, BAUMAN. 2014, p. 20).

A humanidade precisa voltar os olhos para si! E procurar caminhos que levem a um contexto mais humanizado, caminhos que provavelmente devem surgir desse mar de imagens cintilantes e que pedem caminantes cada vez mais compromissados com a verdade. Apesar de todo desenvolvimento tecnológico, das máquinas diminuírem o esforço humano na execução do trabalho, do aumento da produção, ele não garante o bem estar social, a vida do ser humano tem sido e é, ainda hoje, uma vida de dificuldades.

Bibliografia

- AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução uma antropologia da supermodernidade*. tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- BASTOS, Hermenegildo e ARAÚJO, Adriana de F. B. (orgs.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt e DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida*. tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LIMA, Rogério. "A impossibilidade física da morte na mente de alguém que vive". In OLIVEIRA, Maria R. D. de e PALO, Maria J. (orgs.) *Impasses do narrador e da narrativa na contemporaneidade*. São Paulo: Educ, 2016. p. 155-189.
- PAGLIA, Camille. *Imagens Cintilantes: Uma viagem através da arte desde o Egito até Star Wars*. Tradução Roberto Leal Ferreira; Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.
- SIMMEL, Georg. "As grandes cidades e a vida do espírito". Tradução de Leopoldo Waizbort. In *Mana* vol.11 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2005. Scielo: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=pt&tlng=pt.

